

O FACEBOOK NO AUXÍLIO DA AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM PELO SURDO NO PROCESSO TRADUTÓRIO PORTUGUÊS/LIBRAS*

Francisco Ebson GOMES-SOUSA - UFERSA**

RESUMO

Embora o senso comum tenha o site de rede social *Facebook* como um espaço digital de lazer, muitas pesquisas têm apontado para a funcionalidade pedagógica da rede. Como ambiente de interação social, há uma série de grupos que têm como enfoque o aprendizado de línguas como um todo, não sendo diferente para as línguas de sinais. O objetivo deste trabalho é identificar como acontece a aprendizagem de língua portuguesa, como também o aprimoramento do entendimento da LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) pelo surdo no *Facebook* em tais processos tradutórios intra ou interlingualmente. Amparados em Recuero (2009) para o conceito de rede social, e em Pereira, Cerny, Quadros (2010) para a aprendizagem de LIBRAS em ambiente virtual, analisamos vinte postagens num grupo fechado do *Facebook*, que tem como um dos propósitos ajudar na tradução português/LIBRAS para surdos. Os componentes do grupo, em sua maioria, são surdos e buscam tanto aprender o português quanto discutir melhores formas de comunicação sinalizada, em que ocorre o auxílio tanto de surdos, como também de ouvintes nas requisições de esclarecimento no grupo. Os resultados preliminares apontam um melhor entendimento e correlação da LIBRAS com a língua portuguesa por surdos a partir da ajuda prestada por membros do grupo.

Palavras-Chave: Facebook. LIBRAS. Português. Aprendizagem.

* Artigo desenvolvido no âmbito do projeto *Práticas Discursivas na Internet: relação entre gêneros, letramentos e redes sociais*, em desenvolvimento na UFERSA, sob orientação do prof. Dr. Vicente de Lima-Neto.

** Graduando do curso de Letras/ Libras da Universidade Federal Rural do Semi-Árido. E-mail: ebsongomes@yahoo.com.br

Introdução

A importância da internet para as pessoas é destaque como um dos mais importantes meios de comunicação, como assim apresentam Bailey e Burd (2006). Ao pensarmos na tecnologia e as suas potencialidades, vê-se que a internet apresenta uma grande natureza colaborativa, sendo assim uma grande aliada para facilitar a comunicação entre as pessoas. Não sendo diferente para as pessoas com deficiência, que de acordo com o censo do IBGE de 2010 no Brasil, somam 23,9% da população¹. No mundo, percebemos que representam 15% de acordo com Thatcher et al.(2006). Percebe-se que esta população apresenta algumas dificuldades no uso desses serviços digitais disponíveis hoje em dia, sendo assim, estes precisam estar mais integrados digital e socialmente.

Os ambientes informacionais digitais acessíveis devem promover condições de acesso a uma variedade possível de diferentes usuários e, no caso dos Surdos², deve-se salientar que aspectos linguístico-cognitivos devem ser alicerce para a sua fundamentação, uma vez que a maioria destes está inserida e cercada por ambientes de cunho oral-auditivos, sendo necessário os mesmos tenham uso independente e possam ter produtividade ao acesso das informações como aponta Freire (2003).

Contudo, nos dias atuais é marcado um avanço no uso das tecnologias pelos Surdos, em que estes estão cada vez mais independentes e autônomos nos mais diversos meios, sendo a tecnologia grande auxiliadora nesse sentido. Ferramentas de comunicação que possibilitam a interação a partir da modalidade escrita da língua, como *Facebook*, *Twitter* e atualmente o *Whatsapp*, estão beneficiando todas as pessoas, e os Surdos têm explorado essas potencialidades, na sua independência,

¹ Informação disponível em: <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2012/04/239-dos-brasileiros-declaram-ter-alguma-deficiencia-diz-ibge.html>. Acesso em: 15 mar. 2015.

² A expressão *surdo*, com “s”, se refere à condição audiológica definida pela medicina, enquanto *Surdo*, com “S”, refere-se aos membros de uma comunidade, uma entidade linguística com identidade cultural. Esta diferenciação entre o uso dos termos foi proposta, na década de 1970, pelo sociolinguista James Woodward (SACKS, 1998; LULKIN, 2000).

aproximando uns com os outros de modo que a comunidade surda se tornou e se torna a cada dia bastante fortalecida em diversos aspectos.

Ao percebermos a imersão no aprendizado de línguas, tanto a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) como a Língua Portuguesa os surdos fazem uso da tecnologia para discutirem sobre isso, um fato recorrente é o uso das redes sociais com tal propósito, como o caso do *Facebook*, em que este é usado para os mais diversos assuntos e interesses entre os membros dessa comunidade.

Neste estudo pretendemos apresentar as discussões sobre a língua portuguesa assim como a LIBRAS, diagnosticando como o conhecimento e aquisição de linguagem se dá pelo Surdo dentro de uma comunidade da rede social *Facebook*, como a forma colaborativa de conhecimento ajuda no processo de desenvolvimento cognitivo da língua e na tradução entre a língua portuguesa e a LIBRAS.

Surdo e o mundo ouvinte: línguas e ensino

No Brasil, ainda segundo dados do IBGE, são 9,7 milhões de pessoas que declaram ter algum tipo de deficiência auditiva³. A surdez atinge 90% das crianças filhas de pais ouvintes e apenas 10% são filhos de pais surdos (MARCHESI et al., 1995; SACKS, 1998; DIAS et al., 2002). Tais percentuais relevam a importância de refletirmos sobre o acesso à informação e à construção de uma identidade, afinal, em um ambiente oral-auditivo, um surdo estará sendo privado, muitas vezes, de elementos corriqueiros somente percebidos pela audição.

A história da educação de surdos vem a ser bem semelhante ao que tínhamos e ainda temos nas práticas de ensino para crianças ouvintes que o ensino da leitura passou mais a ser o ensino de vocábulos, em que tais propostas apontavam para uma

³ IBGE. **Censo Demográfico 2000**. 2000. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/27062003censo.shtm>>. Acesso em: 13 nov. 2010.

simplificação e sintaticamente controlar suas estruturas no fim de facilitar a aquisição da língua portuguesa para surdos (CÁRNIO, 1995, FRIÃES, 1999; FRAGOSO, 2000; PEREIRA & KARNOPP, 2003). Com os mesmos autores, podemos sentir que uma imagem vinculada muito tempo atrás de que surdos eram incapazes de fazer algumas atividades foram repassadas ao que temos ainda até hoje, em que a facilitação do ensino dessa outra língua para o surdo era atrelada à imagem de um interlocutor surdo incapaz de operar na constituição de seu conhecimento de língua (LANE, HOFFMEISTER & BAHAN, 1996; PEREIRA & KANORPP, 2003).

Apesar de o oralismo⁴ ter sido uma prática bem recorrente por quase um século, visando que se era o meio mais eficiente de ser promovida a integração social para os surdos, como assim também na escola, essa modalidade foi vista que não correspondiam a esse objetivo apenas causando sofrimento para o surdo. Assim, após tais tentativas frustradas de impor ao surdo a aquisição da língua oficial (oral ou escrita) e se vendo a concepção e maior abrangência da língua de sinais por volta dos anos 80, começa-se a pensar em uma estrutura de educação bilíngue.

Assim, com os estudos acerca das línguas de sinais, a proposta de educação bilíngue tem proporcionado à criança surda o acesso a duas línguas: a LIBRAS e a Língua Portuguesa. Nessa visão, ambas não podem ser usadas simultaneamente por possuírem estruturas diferentes. Seus proponentes concebem a língua de sinais como a língua natural dos surdos (STOKOE in NORTHERN E DOWNS, 1989; MOURA, 1993; FERREIRA-BRITO, 1993, QUADROS, 1997, SKLIAR, 1999, 2000; KANORPP e QUADROS, 2004 e outros), sendo esses indivíduos considerados como pertencentes, na maioria dos casos, a uma comunidade distinta daquela a que pertencem os ouvintes.

Considerando uma proposta bilíngue para os Surdos, teríamos a língua portuguesa como segunda língua, já que a sua língua materna é a língua de sinais, haja vista que nosso território apresenta duas línguas oficiais. Porém, com uma grande maioria da comunidade ouvinte a proposta bilíngue é quase que a única alternativa

⁴ O oralismo é uma abordagem que visa à integração da criança surda na comunidade ouvinte, enfatizando a língua oral do país (GOLDFELD, 1997). O objetivo dessa abordagem é fazer a reabilitação da criança surda em direção à normalidade, negando a surdez.

para dar mais acessibilidade aos Surdos, devendo ser estar mais focada nas reais necessidades destes sujeitos, sendo concebida pela sua natureza social determinada e instrumentalizada para que possa ter a competência de ler e produzir de forma escrita a sua segunda língua (QUADROS, 1997; FREIRE, 1999). Pautados pela linguística que nos indicam que os processos cognitivos da informação acontecem com os Surdos e que estes deixam de ser meros decodificadores para entendedores do leem, as línguas de sinais irão desempenhar em igualdade às línguas orais/auditivas as funções para que possam desenvolver de forma cognitiva e linguisticamente no que tange a conhecimento de mundo e da língua (PEREIRA & KARNOPP, 2003).

É válido ressaltar avanços significativos que aconteceram, como o modo como se dava o ensino de leitura e escrita para os Surdos, porém, quando se fala no processo de ensino-aprendizagem de uma segunda língua, esta nem sempre é considerada de grande facilidade. Podemos perceber isso com os próprios inativos da língua inglesa, ao se deparem com essa língua estrangeira, mesmo que na mesma modalidade (oral/auditiva/escrita) sentem dificuldade de entendê-la se não tiverem conhecimento prévio sobre tal e muitas vezes tendo uma grande dificuldade para alguns de aprendê-la.

Assim como qualquer língua, considerada de instrumento sócio interacional, percebemos isso frequentemente nas redes sociais, e dentro de toda essa pluralidade de gêneros, modalidades e pessoas sempre as relações interacionais agregam algum tipo de conhecimento, não sendo diferente para os sujeitos surdos.

Relações sociais no desenvolvimento do surdo

A surdez não é vista como uma patologia de ordem médica, mas sim como uma marca que repercute nas relações sociais e no desenvolvimento afetivo e cognitivo dos surdos (CICCONE, 1990). Podemos perceber que é com as relações com o outro que podemos evoluir, na medida em que aprendemos, dividimos, conversamos, tentamos entender o outro. Tudo parte direta ou indiretamente das relações com o outro.

Pela linguagem é que o homem constrói a sua realidade representativa onde está localizado, no espaço e no tempo, e nessa transformação de realidade sua, consegue transformar outros dentro do mesmo meio assim concordando com os neovygotskinianos (LEONTIEV, 1978; LÚRIA, 1979). Dentro desse processo de humanização que é a convivência, faz-se uma apropriação da cultura envolvida naquela comunidade, assim, o desenvolvimento cognitivo/linguístico acontece inicialmente de uma reprodução mediada por um parceiro mais experiente, assim como aprendemos com os nossos pais a falar as primeiras palavras.

Como se pode perceber, segundo Silva (2000), estar em sociedade é bem mais que conviver junto, é perceber quem de fato são essas pessoas a cada dia de convívio assim se estabelecendo os laços pelos quais nos definimos, enquanto grupos ou menos seres singulares dentro de uma sociedade de pluralidade. Ao mesmo tempo concordamos com Bakhtin (2009) ao falar que qualquer enunciação se “origina na situação social imediata”, em que se abstrai que pelos processos comunicativos é que nos desenvolvemos, assim, tal processo não é diferente para os Surdos.

Seguindo este mesmo pensamento bakhtiniano, podemos ver que o processo de interação é o *locus* de produção da linguagem, sincronicamente também é onde se formam e estruturam as atividades da mente, haja vista que “não é a atividade mental que organiza a expressão, mas, ao contrário, é a expressão que organiza a atividade mental, que a modela e determina sua orientação” (2009, p. 112). Com tal pensamento, percebemos que a Linguística do ser é constituída por sua língua própria como também as inter-relações de discurso que os cercam.

Bakhtin (2009), ao discutir sobre a linguagem e seu desenvolvimento na constituição da consciência humana, traz uma amostra que o psiquismo e a ideologia são indissociáveis nesse desenvolvimento, sendo o primeiro o individual e o segundo, o social. Para o autor, o indivíduo tem um papel na sociedade com o seus estilos próprios, porém, em análise de tal afirmação ele relata que esses estilos tem origem no social.

Sendo assim, pode-se entender que o ser se constrói e se desenvolve pelas relações sociais, progredindo, usando desta forma a linguagem, os signos, em que estes são usados para os atos de comunicação com os outros, como também para si mesmos (comunicação interior). Estes indivíduos são os responsáveis pelos ambientes sociais modificarem, sendo essenciais para tais mudanças em uma relação de dependência bilateral: sem o meio social, não se tem a consciência individual, e sem os indivíduos, não existe sociedade. E como meio representativo social, temos as redes sociais que empregam de certa forma o mesmo papel sócio interativo de desenvolvimento dos seus integrantes.

Facebook: uma rede interativa de desenvolvimento mútuo

O ambiente de redes sociais na internet hoje faz parte da vida da maioria das pessoas. Quanto ao *Facebook*, esta é um dos sites de redes sociais mais recente, porém muito conhecida e com maior adesão entre as pessoas. Foi desenvolvida no ano de 2004, por Mark Zuckerberg e seus amigos Dustin Moskovitz, Eduardo Saverin e Chris Hughes quando ainda eram estudantes de Harvard – EUA. Observamos que o *Facebook* influencia, de certa forma, a todos, de uma ou outra maneira, sobretudo a respeito de proporcionar relações e comunicações com pessoas conhecidas e desconhecidas em redes sociais virtuais. De acordo com Tomaél (2007), uma rede social é “um conjunto de pessoas (ou organizações ou outras entidades) conectadas por relacionamentos sociais, motivadas pela amizade, relações de trabalho ou troca de informação”.

Já Recuero (2009) define rede social como um conjunto de dois elementos básicos: atores e suas conexões – onde atores podem ser pessoas, organizações ou instituições, e conexões as interações (ou os relacionamentos) entre esses atores. Ainda seguindo a sua linha de pensamento, percebemos uma abordagem científica sobre a conceituação das redes dentro do contexto das ciências sociais, remetendo à teoria dos grafos no século XVIII para mostrar uma rede e suas interconexões.

Para Garcêz (2006), as redes sociais são consideradas como “como uma nova arena política de luta por reconhecimento de identidades estigmatizadas”. Mesmo que as redes sociais sejam vistas pela maioria das pessoas como ponto de encontro de amigos, o autor também constatou que:

[...] as conversações informais que se estabelecem na rede [entre os Surdos] geram verdadeiros debates acerca da identidade surda, do ‘ser Surdo’ no mundo e da aceitação da Língua Brasileira de Sinais como delineadora dessa identidade. (GARCÊZ, 2006, p. 1).

Nessa intensa relação que existe entre as pessoas e as redes sociais virtuais, podemos enfatizar como frutífero tal processo, na medida em que facilita a comunicação entre as pessoas, principalmente quando se fala na vertente do uso da língua portuguesa na modalidade escrita. Por mais que o site de rede social *Facebook* permita a utilização de videoconferência, não é muito usual principalmente quando estamos falando com pessoas não conhecidas pessoalmente. Percebe-se que a comunicação entre Surdos-Surdos e Surdos-ouvintes acontece principalmente a partir da modalidade escrita da língua portuguesa, língua esta que não é a mãe para os surdos.

Ao tratarmos a linguagem e a sua importância no processo de aprendizagem de uma segunda língua, como é a Língua Portuguesa para os Surdos, diferentes estudos mostram que se faz necessário uma língua prévia, assim como ressaltam Pereira e Karnopp (2003, p. 5):

[...] o domínio da leitura é possível para a pessoa surda se fundamentalmente ela se apoiar no fato de dominar uma língua. Não importa a língua na qual o ensino da leitura se baseie, o importante é que exista uma língua adquirida e que a pessoa seja capaz de pensar no funcionamento das duas línguas.

Semelhantes aos estudos dos autores falados que defendem que a aquisição da LIBRAS pelos surdos deve ser o mais precoce possível para a sua progressão educacional, devemos pensar nessa mesma proposta, como poderiam se desenvolver sem mesmo ter o conhecimento de LIBRAS como sua primeira língua e ainda mais a língua portuguesa como segunda? Assim, do mesmo modo que a língua oral subsidia o aprendizado da língua escrita para os ouvintes, a língua de sinais, para os surdos, deverá ser o elo no processo de aprendizagem dessa modalidade de linguagem, mesmo não sendo um fator de grande facilidade (FREIRE, 1999; FERNANDES, 1999).

Um dos grandes problemas que se colocam na aquisição do português escrito pelo surdo, para Gesueli (2004), está em decorrência de que a cultura ouvinte massacrantemente enfatiza essa relação do oral/escrito e tal grafocentrismo favorece uma leitura através de uma cultura letrada. Quando falamos de duas línguas que são gráficas, como a língua portuguesa e a língua inglesa, tradutores automáticos têm inúmeros, mas como poderíamos fazer com línguas que são visuo-espaciais como as línguas de sinais?

Nesse sentido, há um empréstimo muitas vezes da Língua Portuguesa para os surdos, sendo assim considerados como glosas⁵, mas outras vezes há essa escrita “híbrida”: para quem não é pertencente de tal comunidade, há um estranhamento decorrente da escrita desse ser Surdo. Sendo assim, como a LIBRAS e a Língua Portuguesa coexistem do mesmo *locus*, temos a imersão de duas línguas oficiais, não sendo diferente para os sujeitos Surdos e todas as pessoas que os mesmos têm contato, principalmente quando falamos em redes sociais que são muito utilizadas atualmente.

Com isso, para a comunidade surda do Brasil tendo essas duas línguas, e em mais força a língua portuguesa, os Surdos nas redes sociais tem que se adaptar para

⁵ A notação por glosas dos sinais da LIBRAS são palavras grafadas em letras maiúsculas, que corresponde a uma tradução possível do sinal para o português. Nos casos em que a tradução resulta em mais de uma palavra, utiliza-se o hífen como forma de indicar que elas representam conjuntamente um sinal. Emprega-se o arroba (@) no lugar de desinências de gênero de palavras do português, em virtude de os sinais não apresentarem marcas do mesmo tipo. Representam-se verbos sempre por meio de sua forma infinitiva no português.

que haja ocorrência de ações comunicativas nas redes sociais. E com esses dados foi que nos motivamos para investigar tais fenômenos, como acontecem principalmente em um grupo dentro da rede social *Facebook* destinado em maior número para a comunidade surda em um processo de interação entre as línguas, seja tradutório, conceitual e dentre outros.

Metodologia

Para alcançar o objetivo pretendido com este trabalho, que é a investigar e identificar como acontece a aprendizagem de língua portuguesa, como também o aprimoramento do entendimento da LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) pelo surdo no *Facebook* em tais processos tradutórios intra e/ou interlingualmente. Assim foi realizada uma análise de um grupo na rede social intitulado “Curso de libras/tradução português para surdos”, no *Facebook* que conta com a participação de 1.208 usuários. O levantamento se deu no período de julho a novembro do ano de 2014, visando ser elaborada uma análise descritiva e interpretativa, desse modo, recorrendo-se a uma metodologia qualitativa.

Foi utilizado o perfil do pesquisador deste trabalho para a coleta dos dados dentro do grupo em questão, que tem como propósito ajudar as pessoas no processo tradutório Língua Portuguesa – LIBRAS, como também LIBRAS-LIBRAS, em que o mesmo conta com a participação de pessoas conhecedoras da LIBRAS e outras não, mas, por estarem dialogando em português na modalidade escrita, conseguem se fazer entendidos nesse processo de construção mútua.

O corpus está constituído por vinte postagens dos usuários dentro do grupo extraídas através de captura de tela, cujo procedimento metodológico foi a divisão por categorias, em que se encontrou, em sua maioria, 3 (três), que são: “o que é?” – fazem questionamento sobre o significado de determinadas palavras e/ou expressões; “certo ou errado” – constroem frases/textos e perguntam aos membros do grupo se tal

construção está correta ou errada; e as que não identificamos nessas duas categorias anteriores colocamos em “outros”.

Análise dos dados: troca de conhecimentos e princípio da polidez

A análise dos dados começou a ser feita mediante a metodologia utilizada de categorização das postagens dentro do grupo analisado, e como já explanado foram 3 (três) categorias principais: “o que é?”; “certo ou errado” e “outros”. Dentro do grupo são feitas as postagens em que há um *feedback* dos outros membros do grupo afim de explicar sobre os questionamentos, de maior parte dos Surdos presentes.

A primeira categoria analisada - “O que é?”- tem como propósito solucionar questionamentos sobre os significados de determinadas palavras e/ou expressões, sendo a maioria dos questionamentos pelos usuários surdos, cujo objetivo do grupo tem esse foco. Na imagem abaixo vemos o usuário Arthur⁶, que solicita ao grupo a explicação da expressão “tá me tirando?”:



Figura 1 - Expressão “tá me tirando?”

⁶ Nessa pesquisa utilizaremos nomes fictícios para os usuários do grupo, mesmo sendo uma rede social aberta a todos, preferimos não utilizar a imagem destes.

Percebemos que o primeiro comentário em relação à postagem realizada por Arthur tenta dar uma explicação da expressão “tá me tirando?” como sendo: “verdade, ou quando alguém fica te olhando, observando, como se querer algo ou alguma coisa”, em que o usuário tenta dar uma explicação compatível para/com a expressão. Essa expressão também pode ser entendida como quando algo ou alguém está brincando com a pessoa, está a perturbando.

Nesse processo de tradução intralingual que foi feito, percebemos uma preocupação no entendimento do usuário questionador por parte dos outros membros do grupo, e dentro dessa preocupação que são feitas as relações de significado em contexto real para o usuário Surdo questionador, como também para os outros membros do grupo.

Na segunda categoria de análise – “certo ou errado” – percebemos a construção de frases/textos dos usuários Surdos em que os mesmos questionam aos demais se a sua escrita está adequada à norma culta da Língua Portuguesa. Na imagem abaixo temos um exemplo da construção textual de Matheus⁷:



Figura 2 – Texto – “Certo ou errado”

⁷ Nessa pesquisa utilizaremos nomes fictícios para os usuários do grupo, mesmo sendo uma rede social aberta a todos, preferimos não utilizar a imagem destes.

Na postagem do usuário, vemos que ele realiza a construção frástica: “Eu esta sonho quero vontade empresa *cupcake* e bolo...” o mesmo questiona se a construção está errada ou certa, logo com o primeiro comentário de outro participante ajuda: “Eu tenho um sonho, tenho vontade de ter uma empresa de *cupcake* e bolos”. Vemos que, no primeiro momento, temos a construção por meio de glosas, sem os conectivos que são necessários quando se escreve da língua portuguesa, segundo a norma culta.

Mesmo que estas construções sejam compreensíveis, sentimos a pressão por parte da sociedade que encara muitas vezes a utilização das glosas como inferioridade por parte do Surdo, não compreendendo que a aprendizagem de uma língua “estrangeira” é um processo demorado e basicamente ele se utiliza da língua portuguesa para fazer uma espécie de equivalência aos sinais na LIBRAS.

Por último, a categoria - “outros” – se destinou classificar as mais diversas postagens que não se adequam nas duas categorias faladas acima, porém vale salientar que, em virtude das regras do próprio grupo, tais postagens são bem incipientes, dando foco mais ao processo tradutório tanto de forma intralingual ao rebuscarem variações ou mesmo expressões, quanto interlingual, por tratar-se de Surdos usuários da Língua Brasileira de Sinais.

Considerações Semifinais

Ao identificarmos os sujeitos nesse processo de aprendizagem mútua na rede social *Facebook* da língua portuguesa, como também o aprimoramento do entendimento da LIBRAS pelo Surdo nesses processos tradutórios intra ou interlingualmente, foi possível percebermos um melhor entendimento por parte dos sujeitos surdos questionadores, como também dos participantes e para aqueles que estão respondendo.

Pois dentro do processo de resposta aos questionamentos é feita uma rebusca para tentar dar entendimento, se fazendo necessário entender os conceitos na sua

língua materna para tentar repassar para um sujeito que está adentrando na outra língua/cultura de alvo. Assim, sendo um processo de desenvolvimento linguístico e cultural mútuo para os usuários questionadores e usuários que respondem, bem como a todos dentro da rede social que têm acesso ao grupo.

Vale salientar a importância do grupo criado na rede social, pois além do mesmo levar conhecimento aos usuários Surdos sobre diversos temas, tradução de peculiaridades das línguas que são intrínsecas ao uso corriqueiro, ajuda na correção das construções na língua portuguesa, o mesmo promove significativamente acessibilidade, interação e inclusão para estes sujeitos.

Acreditamos que qualquer tecnologia, instrumento ou dispositivo usado para dar informação e conseqüentemente a favor do processo educativo deve ser acolhido como forma de levarmos mais inclusão a todas as pessoas, não só linguisticamente como culturalmente. Sendo as redes sociais, como *Facebook* que muitas vezes é considerado apenas uma forma de passar o tempo ou de lazer, e hoje é usado para cursos profissionais, interacionistas e por que não educacionais, hoje com essa interação tecnológica proporcionada pelas redes sociais podemos aprender, questionar, interagir, dar e ter voz.

Referências

- BAILEY, J.; BURD, E. What is the current state of Web Accessibility? WSE. **Proceedings of the Eighth IEEE International Symposium on Web Site Evolution**, p. 69-74, 2006. Disponível em: <<http://ieeexplore.ieee.org/iel5/4027189/4027190/04027208.pdf?tp=&arnumber=4027208&isnumber=4027190>>. Acesso em: 09 abr. 2008.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 6.ed. São Paulo: Hucitec, 2009.
- CALDAS, D.. **A Influência do Facebook no Consumo de Conteúdo no Brasil**. Fortaleza, 2012. Disponível em: <http://www.slideshare.net/danscaldas/artigo-cientifico-a-influncia-do-facebook-noconsumo-de-contedo-no-brasil-em-2012> Acesso em 02 jun. 2015.
- CÁRNIO, M.S. **Leitura e desenvolvimento da estrutura frasal a nível da escrita, em deficientes auditivos: estudos com a técnica de cloze**. 1986, 248 f. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1986.

- CICCONE, M. **Comunicação Total**. Rio de Janeiro: Cultura Médica, 1990.
- DIAS, T. R. S.; PEDROSO, C. C. A. Com a palavra o Surdo: a sua comunicação na sala. In: SIGOLO, S. R. R. L.; MANZOLI, L. P. (Org.). **Educação Especial face ao desenvolvimento e à inserção social**. Araraquara, UNESP, São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2002.
- FERREIRA-BRITO, L. **Integração social e educação de surdos**. Rio de Janeiro: Babel, 1993.
- FRAGOSO, A. C. P. **Relações de surdos com a leitura e estratégias utilizadas**. 2000. 139 f. Dissertação (Mestrado em Distúrbio da Comunicação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2000.
- FREIRE, F. M. P. Surdez e tecnologias de informação e comunicação. In: SILVA, I. R.; KAUCHARKJE, S.; GESUELI, Z. M. (Org.). **Cidadania, surdez e linguagem: desafios e realidades**. São Paulo: Plexus Editora, 2003.
- FREIRE, A.M.F. Aquisição do português como segunda língua: uma proposta de currículo para o Instituto Nacional de Educação dos Surdos. In: SKLIAR, C. (Org.). **Atualidade da educação bilíngüe para surdos**. Porto Alegre: Mediação, v. 2, 1999, p. 25-34.
- FRIÃES, H.M.S. **Compreensão de textos por adolescentes surdos**. 1999. 77 f. Dissertação (Mestrado em Distúrbios da Comunicação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1999.
- GARCÊZ, R. L. O. Entre o silêncio e a visibilidade: o Orkut como espaço de luta por reconhecimento do movimento social dos Surdos. **Anais do Congresso Anual da Associação Brasileira de Pesquisadores de Comunicação e Política**, Salvador, UFBA, 2006. Disponível em: < http://www.compolitica.org/home/wp-content/uploads/2010/11/Garcez_2006.pdf> Acesso em: 29 jan. 2007.
- GOFFMAN, E. A situação negligenciada. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. (Orgs.). **Sociolinguística Interacional**. 2ª Ed. rev. e ampl. São Paulo: Loyola, 2002.
- GOLDFELD, M. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista**. São Paulo: Plexus, 1997.
- IBGE. **Censo Demográfico 2000**. 2000. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/27062003censo.shtm>>. Acesso em: 13 nov. 2010.
- LANE, H.; HOFFMEISTER, R.; BAHAN, B. **A journey into the deaf-world**. San Diego/Califonia: DawnSignPress, 1996.
- LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do psiquismo humano**. Trad. de Manuel Dias Duarte. Lisboa: Horizonte Universitário, 1978.
- LÚRIA, A.R. **Curso de pedagogia geral**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v.I, 1979.
- MOURA, M.C., LODI, A.C. e PEREIRA, M.C. **Língua de sinais e educação do surdo**. São Paulo: Tec Art, 1993.
- NORTHEM, J. e DOWS, M.P. **Audição em crianças**. São Paulo: Manole, 1989.
- PEREIRA & KARNOPP, L.B. Leitura e surdez. **Letras Hoje**, no. 133, p. 165-177, set., 2003.
- QUADROS, R. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artmed, 1997

QUADROS, R.M. de. e KARNOPP, L.B. **Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

REVUZ, C. A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. In: SIGNORINI, Inês (Org.) **Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado**. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

SACKS, O. W. **Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos Surdos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SERRES, Michel. **Filosofia Mestiça: le tiers – instruit**. Trad. Maria Ignez D. Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

SILVA, Tomás Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2000.

THATCHER, Jim; BURKS, Michael R.; HEILMANN, Christian; HENRY, Shawn Lawton; KIRKPATRICK, Andrew; LAUKE, Patrick H.; LAWSON, Bruce; REGAN, Bob; RUTTER, Richard; URBAN, Mark; WADDELL, Cynthia D. **Web Accessibility: Web Standards and Regulatory Compliance**. EUA : Friendsoft, 2006.